



**20^o Concílio
Geral**

Teresópolis/RJ - 03 a 10 de julho de 2016



Encerramento do 20º Concílio Geral

Pregação do Bispo Luiz Vergílio Batista da Rosa
Presidente eleito do Colégio Episcopal

10 de julho de 2016

Teresópolis – RJ

Saúdo as irmãs e os irmãos na graça, na paz, no amor e na esperança de Nosso Senhor Salvador, Jesus Cristo. Nós queremos convidá-los a abrir suas Bíblias, ou celulares ou tablets, no Livro de Atos, no capítulo 2, a partir do versículo 36 até 41, diz o texto, “esteja absolutamente certa, pois, toda Casa de Israel, de que este Jesus que vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo. Ouvindo estas cousas, compungiu-se lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais...” quero saudar aos nossos convidados e convidadas. Eu tenho dificuldade de memória e depois explicarei o porquê. Esta minha dificuldade de memorizar, mas eu não esqueço as coisas. Eu quero saudar, então, a nossa querida pastora de Porto Rico, que o nome é Lizzete. Eu a conheço há tanto tempo e sempre esqueço seu nome. Ao bispo do México, Andreas. Ao Mercio eu não esqueço porque ele está no Uruguai. E ao Alfredo, presidente no Uruguai. E a Bispa Rosemary, na Alemanha. Sabem por que eu sou esquecido? Porque diz a história que Albert Einstein, que foi um gênio, era esquecido e tinha problemas de memória, então eu me identifico muito com ele. Eu ouvi uma vez que ele iria dar uma palestra em determinado lugar, pegou o trem, que tinha várias paradas e ele precisava chegar em uma universidade para dar uma palestra. O trem começou a andar e lá pelas tantas veio um jovem conferindo os tickets e pegando os canhotos. Ele começou a procurar, não encontrava, e na medida que o jovem se aproximava dele, ele foi ficando cada vez mais nervoso e preocupado. E quando o jovem chegou na sua frente, ele não havia encontrado, seu ticket já tinha extraviado, o jovem o reconheceu e disse, “doutor, não se preocupe. O senhor não precisa me dar seu ticket, eu não preciso dele”, ele disse, “não meu jovem, você pode não precisar, mas eu preciso, porque se eu não achar eu não sei em que estação eu preciso descer”. É verdade. E como nós não damos morto por testemunha, mas infelizmente quem me contou essa história já morreu. Albert Einstein fez a teoria da relatividade, que é uma coisa muito complexa, mas um dos pressupostos dessa teoria é a relação entre tempo e espaço. Ele diz que se um corpo está em movimento, o tempo passa mais lento para ele, ou seja, quanto mais rápido está um corpo, mais tempo ele vive. Nós ficamos aqui

muito tempo sentados, nós envelhecemos bastante aqui. Eu sei que alguns e algumas tiveram oportunidade de caminhar e fazer algum movimento. Eu, pelo menos, três manhãs, de madrugada, desafiado pelo Henrique, eu subi a montanha. Esse cara vai orar às 5 da manhã e eu tive que acompanhá-lo porque eu havia empenhado a minha palavra que iria com ele. Neste Concílio Geral nós tivemos, como igreja, a oportunidade de nos conhecer um pouco mais. De Norte a Sul, Leste a Oeste. E como igreja nós pudemos nos conhecer melhor também como instituição, reconhecermos que somos uma instituição falível, constituída por pessoas que são falhas, temos imperfeições, e elas se manifestam no momento em que nós nos relacionamos em determinado tempo e espaço. Mas também, neste mesmo Concílio, nós tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais da Igreja Metodista como corpo vivo de Cristo. E aqui neste lugar nós também pudemos ver a manifesta glória e santidade de Deus. Um Amém para isso. Pois nós ficamos aqui durante esses 7 dias, irmãos e irmãs, refletindo sobre missão, sobre legislação, discutimos até mesmo o uso da vírgula. E neste ambiente, além dos espaços para celebração, que nós tínhamos algum movimento, especialmente a Bispa Marisa, que se movimentou muito durante as celebrações. Mas neste espaço, onde as nossas mentes trabalharam intensamente na discussão das matérias, das propostas, na busca de consensos, encontrando, às vezes, dissensos, nós envelhecemos mais rapidamente aqui sentados e sentadas do que se nós estivéssemos em atividades que gerassem movimentos. Eu estou dizendo isso porque o texto que lemos - e neste ambiente de Concílio se falou muito sobre Pentecostes - é pós Pentecostes e a marca deste contexto é sempre a marca da perplexidade, porque algo novo aconteceu. Essa perplexidade só foi possível porque ela sai de um ambiente estático para outro que gera movimento. O lugar onde aconteceu Pentecostes foi um lugar de epifania, de manifestação e confirmação da presença e da glória de Deus no meio de seu povo. Não foi um lugar onde as pessoas se movimentaram. Nós entendemos, às vezes, que os momentos excessivos podem atrapalhar as nossas reuniões. Em Pentecostes a igreja estava diante do extraordinário

que estava acontecendo. Mas o Pentecostes gera consequências que transformam a reunião de uma comunidade de fé em movimentos de transformação. O fato não fica contido na casa, no senáculo, no templo ou na escola de missões. Há uma dinâmica do Espírito que empurra a comunidade de fé gerando dois movimentos, um da própria comunidade saindo e outro de pessoas chegando atraídas por aquilo que está acontecendo. E o Pentecostes só teve sentido para a vida da igreja quando ele alcança as pessoas que estão fora dela, quando gerou movimento na direção das pessoas. Eu penso, irmãs e irmãos, que o único movimento que houve na reunião do Pentecostes foi o movimento do sobrenatural, do extraordinário de Deus. O fogo é movimento e é de Deus. O fenômeno da glossolalia, das línguas que se manifestaram gerando movimento nasce de Deus. O vento, seu som, é som de movimento, mas que tem a sua origem em Deus, manifestando sua presença na comunidade. Por isso que, irmãos e irmãs, todos esses fenômenos só tiveram relevância, ou encontraram a sua maior relevância, quando os lábios, a fala e o discurso da igreja representados aqui por Pedro passaram a anunciar as boas novas de salvação, mostrando que o Evangelho não tem fronteiras, não tem povo seletivo, nem segmento distinto, é para todas as pessoas, etnias e condições humanas. A minha origem está em um quilombo, que no final do século XIX, contrário ao senso que alguns livros escrevem, o processo de libertação, ou o decreto da Lei Áurea, ao contrário de libertar, aprofundou os elementos da escravidão, seus estigmas, porque muitos quilombos foram saqueados e tomados por serem terras produtivas. A minha família migrou e nessa migração eles encontraram uma pessoa, um homem de Deus, vendedor de Bíblia, colportor, que encontrou essa comunidade, foi acolhido por ela, viveu ali algum tempo, ensinou a liderança da comunidade a ler através da Bíblia. E ali se formou uma comunidade cristã, sem nenhuma placa denominacional. Aquela comunidade entendeu que a verdadeira libertação veio de Cristo, Jesus, veio da fala da igreja, do anúncio das boas novas. Encontrando uma comunidade que não era, não tinha, passou a ter e a ser filhos, filhas, amados de Deus. Então irmãos e irmãs, a reunião do

Pentecostes e o pós, produzem um discurso com a prédica de um sermão revolucionário, que transforma, transtorna, inquieta, produz perplexidade. É fruto de uma experiência pessoal porque o fogo é sobre cada um e cada uma. Mas é uma experiência comunitária porque o discurso da igreja é o discurso da unidade, e esta unidade produz movimento, confronto e inquietação. Esta comunidade manifesta uma causa, uma convicção inabalável, e nós poderíamos, parafraseando esta convicção inabalável, podemos dizer que estejam plenamente certos e certas. Cidadãos e cidadãs brasileiros, estejam plenamente certos e certas que este Jesus, que é crucificado e vendido a cada dia, que a sua história é delapidada a cada dia, que a sua herança é desmanchada a cada dia, este Jesus é para ser visto como o Senhor e o Cristo instituído por Deus. Ele foi crucificado e Deus o fez Senhor e Cristo. Amados irmãos e irmãs, esta é a boa notícia para o nosso país, é a maravilha. Eu gosto muito do Bispo Roberto, que chega nas reuniões e fala, “maravilha”. A maravilha de Deus está no nosso país, esta é a nossa coisa boa. Como dizem os jovens, esse é o nosso tudo de bom. E como eu ouvi alguns irmãos e irmãs do Rio de Janeiro dizer, este é o nosso sangue bom. E é mesmo. Porque as pessoas compreendem coisas boas, coisas que são compreensíveis, que fazem sentido para suas vidas. Eu vou encerrar, mas quero lembrar de uma experiência que foi marcante. Eu fui convidado uma vez para ir ao Uruguai em um projeto missionário. Tivemos um momento de evangelização. Muitos de vocês conhecem o Benjamin Reis, seus filhos eram crianças e eu saí com os dois meninos, que foram comigo e nós fomos de casa em casa fazendo um convite para o culto à noite. Era interessante que eles, quando encontravam pessoas idosas, falavam em guarani. E aí depois eu perguntei por que o convite era feito em guarani e não em espanhol. Eles me disseram que o guarani, para aquele povo, era a língua do coração. A igreja fala a língua do coração. Aquela língua que a pessoa entende, compreende e celebra. Ela pergunta o que nós vamos fazer agora, irmãos. O que nós ouvimos é uma coisa boa. O que nós precisamos fazer? O que nós devemos fazer? O que faremos do nosso Plano Nacional Missionário? Ele tem que causar perplexidade. Tem que ter

cheiro de coisa boa. Sangue bom. De tudo de bom. É o nosso projeto e nosso olhar de amor pelo povo brasileiro, um povo para o qual nós nos constituímos servos e servas, nós estamos a serviço do Senhor e deste povo. O que faremos como metodistas para que o nosso Pentecostes, os movimentos gerados por eles e os discursos deles decorrentes falem ao coração do povo brasileiro na Primeira Região, na Segunda Região, na Terceira Região, na Quarta Região, Quinta Região, na Sexta Região, na Sétima Região, na Oitava Região, na REMA, na REMNE. O que faremos irmãos? Agora vou concluir. Essa já é uma tradição no Brasil, o bispo pode concluir três vezes. E bispa também. O discurso é da igreja, Pentecostes foi sobre todos e todas. Pedro diz assim, primeiro, queridos, o nosso país precisa se arrepender. Porque o arrependimento é que restaura relacionamentos verdadeiros, relacionamentos quebrados, relacionamento com Deus, relacionamento entre nós, Mudesto. É isso que acontece. E é isso que a igreja diz que vocês têm que fazer. Arrependimento, restauração dos relacionamentos quebrados, porque quando nós restauramos os relacionamentos, nós restauramos a confiança. Nós vivemos uma crise ética que se manifesta pela desconfiança. Nós desconfiamos uns dos outros. Uma vez eu e o Bispo Paulo tivemos o privilégio de estarmos juntos na Coreia, e teve um momento em que precisamos trocar algum dinheiro. Estávamos conversando e passaram dois rapazes coreanos e acredito que eles tenham ouvido e entendido, mais ou menos, a nossa necessidade. Eles eram muitos rápidos, mandaram que os seguíssemos e nós fomos. Eles entraram em vários lugares, eu pensei que tinha saído do Brasil para ser assaltado na Coreia, aí era demais. Eles começaram a entrar em lugares estranhos, apertados. Quando eles chegaram na frente, nós vimos, era a casa de câmbio. Eu às vezes vou indo, quando vou caminhar, eu caminho cedo ou à tarde, e tem gente que troca a calçada, porque eu tenho o perfil do perigo, eu tenho o perfil de quem pode assaltar. A igreja, quando se arrepende, ela restaura a confiança, que o ser humano tem jeito, que pau que nasce torto tem jeito, sim, ele não morre torto. O Espírito Santo restaura, ele endireita os caminhos. Ele fala

do batismo, por quê? Porque batismo é meio de graça. Ele não é propriedade de ninguém, ele é um meio de graça de Deus. E é no batismo que eu tenho sentimento de pertencimento, de filiação, que eu sou filho ou filha amado de Deus, que eu pertencço a uma comunidade e esta comunidade me pertence, a Igreja Metodista me pertence e eu pertencço a ela, não por causa da sua estrutura, ou da sua relação institucional, mas por causa da restauração que nós temos entre nós; do reconhecimento que eu sou, de fato, seu irmão, e você é a minha irmã. Por fim, ele diz, que recebam o dom do Espírito. Nós já falamos muito sobre isso, mas a única coisa que eu quero ressaltar é que Espírito Santo é poder, um poder transformador. O Espírito Santo gera frutos. Essa é a promessa do Senhor para a Igreja Metodista Brasileira neste tempo presente. Que Deus nos abençoe.

Assista ao vídeo no link: <https://youtu.be/SoCQ4wmcTul>